

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DAS MULHERES CRISTÃS NO ESTÚDIO SORAYA BASTOS BALLET PERFORMANCE

Déborah Marinho de Carvalho Ortega (UEMS)
deborah.mco@gmail.com

RESUMO

Este artigo explora a variação estilística na comunidade de prática de mulheres cristãs no estúdio de ballet de Soraya Bastos. Inicialmente, discute-se os conceitos fundamentais da variação linguística e caracteriza-se a comunidade estudada, analisando a prática estilística e sua relação com os significados sociais. Utilizando observações e questionários, o estudo investiga como o jargão religioso e os estilos comunicativos constroem a identidade das alunas. A pesquisa se baseia em teorias sociolinguísticas de Labov (1963), Bagno (2007) e Eckert (2012) para entender a interação entre linguagem, identidade e sociedade. O objetivo é revelar como as práticas comunicativas influenciam e refletem as dinâmicas culturais e espirituais do grupo, contribuindo para o campo da sociolinguística com novas percepções sobre linguagem e identidade.

Palavras-chave:

Mulheres cristãs. Variação linguística. Ondas da sociolinguística.

ABSTRACT

This article explores stylistic variation within the community of practice of Christian Women at Soraya Bastos' Ballet Studio. Initially, it discusses the fundamental concepts of linguistic variation and characterizes the studied community, analyzing stylistic practices and their relationship to social meanings. Using observations and questionnaires, the study investigates how religious jargon and communicative styles construct the students' identities. The research draws on sociolinguistic theories by Labov (1963), Bagno (2007), and Eckert (2012) to understand the interaction between language, identity, and society. The objective is to reveal how communicative practices influence and reflect the cultural and spiritual dynamics of the group, contributing to the field of sociolinguistics with new insights into language and identity.

Keywords:

Christian women. Linguistic variation. Waves of sociolinguistics.

1. Introdução

A linguagem, como manifestação cultural intrínseca, desempenha um papel fundamental na definição da identidade das comunida-

des. No contexto das alunas da professora Soraya Bastos, observa-se uma dinâmica particular de variação linguística por meio da prática estilística.

A análise da variação estilística, conforme proposta pela terceira onda de Eckert (2008), sugere uma abordagem que transcende as fronteiras tradicionais da sociolinguística. No entanto, ao aplicar tais conceitos à comunidade de prática das alunas cristãs sob a orientação da professora Soraya Bastos, emergem questionamentos críticos. Este artigo se propõe a identificar como podemos conciliar as noções de estilo linguístico com as práticas identitárias profundamente enraizadas nesse grupo específico. Sendo assim, este artigo visa desvelar as camadas de complexidade que envolvem a variação estilística nesse contexto singular.

Este artigo tem como objetivo investigar a variação estilística presente na comunidade de prática das mulheres cristãs no estúdio Soraya Bastos, examinando os jargões religiosos e os estilos comunicativos adotados por este grupo. Através de uma análise detalhada, busca-se compreender como esses elementos linguísticos não apenas refletem, mas também constroem a identidade dessas mulheres cristãs, que são alunas em um espaço que permite que esses elementos linguísticos influenciam as dinâmicas culturais e espirituais do ambiente em que estão inseridas.

A relevância deste artigo reside na sua contribuição para o entendimento mais profundo da variação linguística dentro de uma comunidade de prática específica: o grupo de alunas cristãs liderado pela professora de Ballet Performance, Soraya Bastos. Ao desvendar os padrões de jargão religioso e estilístico adotados, este estudo não apenas enriquece o campo da sociolinguística com novas percepções sobre a interação entre linguagem e identidade, mas também oferece insights valiosos sobre as maneiras pelas quais as práticas comunicativas podem moldar e refletir as crenças, valores e estilo de uma comunidade.

A fundamentação teórica deste estudo sobre variação linguística na comunidade de prática das mulheres cristãs no Estúdio Soraya Bastos Ballet Performance se ancora nas contribuições pioneiras de sociolinguistas como William Labov (1963), que estabeleceu a rela-

ção entre linguagem e sociedade, Bagno (2007), que defende a variação linguística dentro da pedagogia e Eckert (2012), que expandiu a visão da relação entre linguagem e sociedade com o conceito de comunidades de prática. Essas teorias fornecem as lentes através das quais se examina a intersecção entre linguagem, identidade e interação social no grupo estudado, permitindo uma compreensão mais rica dos fatos que marcam a variação linguística dentro da variedade de origem social e religiosa.

A metodologia deste estudo consistiu em uma abordagem multimodal para capturar a riqueza da variação linguística na comunidade em questão. Primeiramente, procedeu-se à observação das aulas no Estúdio Soraya Bastos, com o intuito de identificar os jargões religiosos utilizados pelas alunas durante as sessões de ballet. Complementando a coleta de dados, um formulário foi aplicado e posteriormente tabulado, visando quantificar e analisar as frequências dos fenômenos linguísticos e extralinguísticos observados. Esses métodos permitiram uma análise abrangente e detalhada da variação estilística e terminológica presente na comunidade estudada.

Sob a luz das teorias de segunda e terceira onda da sociolinguística, o presente trabalho desenvolveu, de modo geral, um estudo de variação linguística com enfoque nos estilos socializados em uma comunidade prática. O corpus analisado foi extraído de um questionário respondido pelas participantes do grupo que procurou mapear as diferentes manifestações linguísticas presentes em um espaço interativo comum. A partir disso, conclui-se que as práticas comunicativas influenciam e refletem as dinâmicas culturais e espirituais da comunidade, contribuindo com novas percepções sobre linguagem e identidade para o campo dos estudos linguísticos.

2. *Variação linguística*

Desde que Saussure, o pai da linguística moderna, começou a estudar a linguagem de forma sistemática, afirmando que ela é um fato social, muito se descobriu e novos conceitos foram surgindo sobre essa ciência, dentre eles a constatação a respeito da heterogeneidade da língua. Essa nova perspectiva a respeito da estrutura das

línguas foi observada pelo linguista William Labov, um dos precursores de maior influência nos estudos da variação linguística. Desde então, estudos confirmam que a língua, diferentemente do que se acreditava o pai da linguística, é diversificada e instável, podendo apresentar-se de modo desordenado, transformando-se na história. Ainda, estudos mostram que a variação ocorre em todos os níveis da língua. Essa se apresenta como atividade social em trabalhos coletivos de modo variável. Bagno (2012) afirma em seu livro *Nada na Língua é por acaso* que “a língua é múltipla e se apresenta sempre em desconstrução e construção”. Pelo fato de nunca ser concluída, a língua se torna um instrumento de investigação social nos estudos da variação linguística.

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho, 2001, p. 50)

Vale ressaltar que a Sociolinguística surge e se amplia como um conhecimento que envolve diferentes componentes, porém a variação linguística é seu alvo primordial, principalmente ao que se refere à fala. Labov, aprofundou seus estudos na heterogeneidade da língua, estudando inicialmente a variação linguística com foco na quantificação e análise de dados sociais apoiando-se nas ocorrências. Somando a esses conceitos, outros autores modernos, além de Labov, que também compreendem a língua como um sistema heterogêneo, se alinham ao constatar que essa heterogeneidade não traz desordem, pelo contrário, há uma ordem que se forma com elementos que variam dependendo da circunstância em que são manobrados. Nesse sentido, eles concordam que o estudo da sociolinguística vai além da dimensão quantitativa.

Sendo assim, o objeto da sociolinguística é examinar a diversidade linguística relacionando-a com a heterogeneidade social, pois não há como estudar uma sem considerar a outra. Inserida na sociedade, a linguística apresenta duas realidades distintas, a da variação linguística e a da norma-padrão. Essa última, definida como um pro-

duto cultural a ser reproduzido e ensinada tenta aniquilar a primeira. A primeira por sua vez aparece em todas as classes da língua influenciando também a norma-padrão, confirmando que “(...) a variabilidade é inerente à linguagem humana entendida como fenômeno social” (Zilles, 2008). Nesse sentido, vale ressaltar que apesar de documentos legalizados afirmarem que a realidade linguística é frisada pela diversidade e afugentando uma abordagem prescritiva do ensino da língua materna (Bagno, 1999, p. 19), a sociedade mantém um preconceito linguístico, priorizando a norma-padrão.

Na heterogeneidade da variação linguística, encontram-se estruturas com regras sistematizadas, categóricas e variáveis. Essas estruturas são estudadas na variação linguística e podem ser fonético-fonológica, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática. Para realizar trabalhos que envolvam a variação linguística é preciso levar em consideração alguns fatores sociais que podem ser identificados na origem geográfica, no status socioeconômico, no grau de escolarização, na idade, no mercado de trabalho e nas redes sociais. Com esses exemplos de estratificação há a possibilidade de construir pesquisas sobre a língua falada por grupos peculiares, que é o objeto deste artigo e será apresentado no próximo capítulo.

No que diz respeito a grupos peculiares, importa-se mencionar o primeiro estudo de Labov (1963) sobre variação linguística em uma das maiores ilhas dos Estados Unidos, a Martha's Vineyard, também conhecida por ser um lugar de veraneio. Tarallo (1999) cita que na época, um dos grupos analisados era composto por pescadores ingleses e havia um grande número de pessoas que chegaram ali pelo aumento do turismo no local. O estudo focou na pronúncia do ditongo /ay/ que foi absorvido como um recurso indexical, dentro de uma contestação ideológica do lugar, onde percebeu-se uma ação para assegurar um dos aspectos mais notados do dialeto da ilha. Silverstein (2003), classificou essa ação de “ordem indexical”, pois, o fonema que apontava uma pessoa de Vineyard, também foi utilizado estilisticamente naquela ilha, com o intuito de apontar para um habitante particular de Vineyard.

Os habitantes da ilha começaram a ressentir a invasão dos veranistas e a exploração econômica decorrente: assim, atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua iden-

tidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado. A tendência ao exagero da forma conservadora é ainda mais acentuada entre os jovens da comunidade que, após um tempo de permanência no continente, voltaram e se estabeleceram na ilha.

[...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade (Tarallo, 1999, p. 14)

Eckert (2012) menciona que após os estudos de Labov em uma ilha específica, começaram a surgir pesquisas que examinam como os falantes interagem com a variação linguística, adicionando uma camada de significado social além do significado literal. Esses estudos revelaram novos desafios para a sociolinguística, afastando-se do significado social e focando mais em análises macrossociológicas. A abordagem do significado social na variação linguística evoluiu através de três ondas distintas de prática analítica.

A primeira onda da sociolinguística focou no estudo de padrões de variação na fala, exemplificado pelo trabalho pioneiro de Labov em 1962. Em seu doutorado, ele analisou a distribuição social do inglês em Manhattan, Nova York, com ênfase na variável fonológica /r/. Labov examinou como empregados de diferentes lojas departamentais, representando várias classes sociais, etnias e contextos econômicos, utilizavam essa variável linguística. Ele descobriu uma estratificação socioeconômica consistente nas formas linguísticas, coletando dados rapidamente e em larga escala para explorar a relação entre variação linguística e categorias sociodemográficas amplas. (Eckert, 2012)

Uma vez que o produto da diferenciação e da avaliação social – por menor que seja - revela a estratificação social dos empregados das três lojas, a hipótese prevê o seguinte resultado: vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos. Se tal resultado se verificar, a hipótese terá sido confirmada em proporção ao rigor do teste (LABOV, 2008, p. 66)

Na Sociolinguística Variacionista de segunda onda, também chamada de Sociolinguística Etnográfica, Eckert (2012) afirma que a classe social influencia o estilo e o controle da fala utilizada. A inclu-

são de categorias locais e redes sociais na análise de fenômenos da linguagem nos coloca no campo da Sociolinguística Etnográfica. Entende-se por Etnografia o ramo da sociolinguística que combina métodos etnográficos de pesquisa com o estudo da linguagem. Ela se concentra em entender como a linguagem é usada em contextos sociais específicos, observando e analisando a comunicação no seu ambiente natural. Isso envolve estudar grupos de pessoas e suas interações linguísticas para compreender as relações entre linguagem, cultura e sociedade.

A terceira onda da sociolinguística enfatiza a importância do estilo e da ideologia na linguagem, aproximando sociolinguistas e antropólogos linguísticos. Contrariando a ideia anterior de que estilo é apenas uma forma diferente de dizer a mesma coisa, essa nova abordagem destaca os padrões locais e específicos do uso da língua, onde a variação ganha um significado social. Os falantes são vistos como atores principais no contexto social, expressando-se através da prática estilística.

3. Variação linguística na comunidade de prática das mulheres alunas cristãs de Ballet Performance

Tendo em vista que, uma comunidade de prática é um grupo de indivíduos que se encontram com frequência para participar de um projeto comum, criando e desenvolvendo aspectos práticos juntos, este capítulo trata das formas como os falantes, sujeitos desta pesquisa, foram modificando sua realidade, transformando a sua comunidade de fala em uma comunidade de prática. Durante esta construção, foi identificado conceitos sobre a língua (variação estilística) dentro da abordagem de segunda e terceira onda da Sociolinguística, as mulheres cristãs juntamente com a professora Soraya Bastos, deram início a um grupo com características próprias, podendo ser definida como uma comunidade de prática.

Nos estudos da terceira onda, observou-se uma mudança fundamental: a percepção da variação linguística passou de ser vista apenas como um reflexo de identidades e categorias sociais para ser entendida como uma prática ativa. Este artigo, confirma esses estu-

dos, já que os falantes observados utilizam a estilística linguística desenvolvida no ambiente natural de aula de ballet performance se posicionando dentro do espectro social. (Bucholtz; Hall, 2005; Bucholtz, 2010; Irvine, 2001).

A comunidade de prática aqui analisada teve seu início na pandemia Covid-19 (2020), quando a professora Soraya Bastos precisou fechar sua academia e levar algumas alunas, somente mulheres para uma mudança de espaço. As aulas de Ballet Performance começaram em praças ao ar livre, entretanto, em algumas ocasiões, também acontecia nas casas espaçosas de algumas alunas. Neste momento o foco era a atividade física e contemplação da natureza. Este último, já apresentava uma mudança, em relação às academias de ginástica, pois nestes momentos havia o direcionamento intencional à uma linguagem de gratidão pela vida e pela natureza. À medida que o grupo foi crescendo e mulheres mais maduras começaram a fazer parte (40-50-60 anos), a mudança de espaço físico foi necessária. A professora começou a dar suas aulas na área de lazer da casa recém alugada. Houve então um processo de construção ambiental deste novo espaço físico, onde cada etapa conquistada era celebrada pelo grupo, que começava a variar sua fala, sendo os sujeitos induzidos pela professora a refletir não somente sobre a saúde física, mas emocional, mental e espiritual, utilizando também de músicas gospel, internacionais na sua maioria e jargões religiosos, em grande parte de origem pentecostal ou protestante, antes, durante e após as aulas. Além disso, um processo de caracterização do ambiente formado com o auxílio das alunas (compra de colchonetes, sapatilhas, peso, anilha, caneleira, halteres e outros) surgiu, criando um vínculo ainda maior entre as participantes. A mudança de espaço físico e a construção deste ambiente em diferentes etapas deu origem a uma nova forma de se vestir também, criando assim um estilo próprio das alunas desta professora. Zhang (2005), em seu estudo sobre os yuppies (elite jovem de Beijing), demonstra como o estilo é conscientemente construído pelos membros de uma comunidade de prática. Com o passar dos meses, notou-se uma ordem indexical, pois o recurso que antes só marcava a fala da professora passou a ser usado estilisticamente para indexar um tipo específico de falante, no caso, as mulheres, alunas cristãs, frequentadoras deste estúdio.

Vale lembrar aqui que assim como Labov (2008) que ao coletar os dados para sua pesquisa nas lojas em Nova York se passou por freguês, a autora deste artigo também é cliente nesta comunidade de prática, onde coletou os dados para esse artigo. Sendo assim, observou-se o surgimento de características microssociais nesta comunidade de prática durante as aulas realizadas. Ainda, a modulação de persona, onde os sujeitos analisados também criaram um estilo de se vestir, que espelha um período saudosista com características que lembram décadas passadas.

O uso de polainas e outros acessórios que constituem um estilo flashback, com confecção de peças de roupas, que serve para caracterizar ainda mais o grupo, também foi observado. Identifica-se aqui, um significado social da variação estilística, uma mudança na forma de expressão dessas mulheres que escolhem utilizar jargões religiosos com um propósito na comunicação que representa a variação estilística da Sociolinguística Estilística, ou de terceira onda. “Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.” (Labov, 2008, p. 21). Eckert (2000) também acredita que as variantes refletem valores sociais específicos conforme os valores socioculturais do grupo. No caso, a maioria das alunas se declaram cristãs, umas fazendo parte de alguma denominação religiosa, frequentando igrejas ou grupos de oração ou estudo da bíblia e outras não.

Neste contexto, onde se evidencia que a língua é um fato social dinâmico de natureza ideológica, vale comparar o artigo presente com o da pesquisadora Mendoza-Denton (1996), sobre o papel do poder, da feminilidade e da etnicidade no discurso das garotas de gangues. Nele a autora analisa as garotas que fazem parte das gangues mexicanas, conhecidas como *cholas*, observando o estilo da maquiagem específica usada por elas. Este trabalho inclui uma perspectiva etnográfica da segunda onda, atribuindo ao indivíduo o poder de usar diferentes variantes linguísticas para expressar diversas associações, tanto dentro de seu grupo local quanto em interações mais amplas.

“Um foco no significado social exige que comecemos com uma visão não apenas nas variáveis regionais e nas mudanças em

andamento, mas nas variáveis que parecem ser exploradas por significado social, quaisquer que sejam suas origens.” (Eckert, 2012 p. 31)

A importância da variação neste artigo reside na sua contribuição para a formação de estilos, e analisa seu papel na estilística que não é apenas uma questão de associar variáveis a estilos. É essencial entender essa relação como um elemento fundamental na criação de significado social. Esse grupo de mulheres criou um estilo com base na sua prática, fé e realidade, representando uma ação por meio da qual elas geram significado social. Para Eckert (2008) a construção de um estilo se caracteriza por um processo de “bricolagem”. Sendo assim, as mulheres dessa rede social usam recursos linguísticos de maneira criativa e adaptativa ao associar elementos como música, exercício físico, oração, jargões religiosos, dança e outras variedades para espelhar sua identidade e pertencimento social. Logo, “Variáveis podem ser interpretadas e combinadas com outros elementos para construir uma entidade de significado mais complexo” (Eckert, p.457). Na construção dessa comunidade de fala, as variáveis linguísticas da segunda e terceira onda utilizadas pelas alunas, indexam características e não categorias, como nos estudos de Labov.

No próximo capítulo pode-se observar como as mulheres deste estúdio se apresentam como agente ativo no seu comportamento estilístico variável.

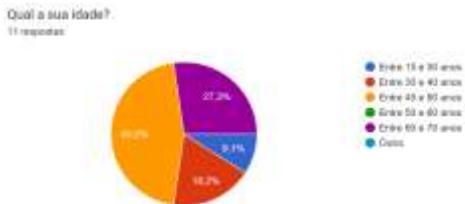
4. *Análise dos dados*

Ao utilizar o método etnográfico foi possível mapear qualitativamente as mulheres cristãs desta comunidade de prática. Utilizando-se de aspectos locais como a casa da professora, a praça e os parques, considera-se as observações presenciais a longo prazo e questionários, inferindo com isso, dados específicos desta rede social, na qual os sujeitos estão envolvidos, e sua correlação com as variáveis estudadas.

Os dados da pesquisa foram obtidos no Google Forms, disponível em: <https://forms.gle/Xvunj3t9huPoSdXJK7>, onde as alunas da professora Soraya Bastos responderam treze perguntas. Neste início

observa-se a estratificação de idade e gênero, sendo que os sujeitos entrevistados são do sexo feminino, na sua maioria com idade entre 40 e 50 anos (Figura 1).

Figura 1: Faixa etária.



A comunidade de prática observada apresenta-se na sua grande maioria cristã, conforme mostram os dois gráficos abaixo. (Figura 2 e 3)

Figura 2: Perfil religioso das entrevistadas.

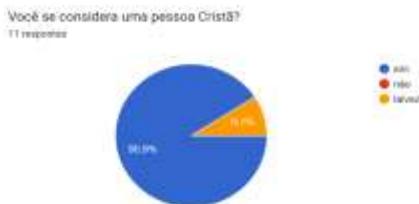
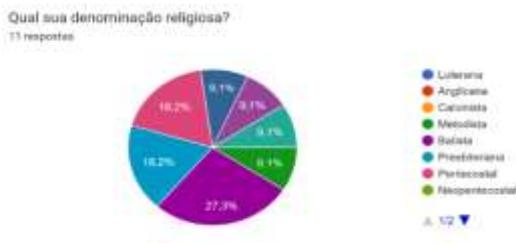


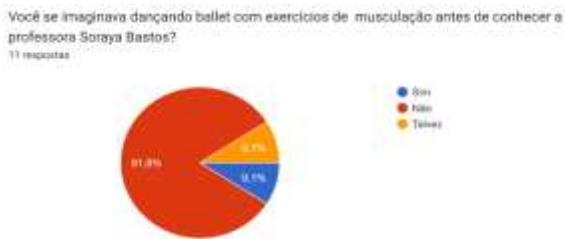
Figura 3: Denominação Religiosa.



A construção dessa comunidade de prática, se revela inovadora e desafiadora, pois as mulheres representadas na sua maioria, não se identificavam como bailarinas ou pessoas assíduas de academia. O

gráfico a seguir confirma essa característica e consequentemente a mudança no comportamento estilístico das alunas. (Figura 4)

Figura 4: Mudança de Comportamento



Abaixo, o gráfico confirma, que as mulheres cristãs, construíram conscientemente o seu comportamento estilístico em função dos seus interesses sociais, particulares e comunitários. O gráfico aponta, como itens principais para o fortalecimento desta comunidade de prática, o diferencial da profissional, no caso a professora, e o fato da mesma trazer a variante espiritual para suas aulas. (Figura 5)

Figura 5: Diferencial das aulas



No próximo gráfico, assim como nos estudos de Zhang (2005) e Campbell-Kibler (2007), onde nota-se que os falantes são ativos no que diz respeito a conduta estilística, observa-se que as alunas agem intencionalmente sobre as preferências estilísticas que elas executam,

como a preferência musical e o estilo de roupa. Neste processo, as mulheres reuniram uma imagem delas mesmas e transformaram o ambiente que estão inseridas. Na figura 6, aparece o estilo musical apreciado durante as aulas, enquanto a figura 7 atesta sobre o estilo próprio das roupas.

Figura 6: Estilo musical



Figura 7: Estilo próprio de roupa

As roupas utilizadas pelas alunas e professoras durante as aulas poderiam caracterizar-se como um estilo desse grupo?
11 respostas



Durante esta pesquisa, a autora observou as diferentes formas sociolinguísticas que foram variando e se tornando uma marca das aulas com as mulheres cristãs. Entre elas, os jargões religiosos utilizados, ao serem expressos verbalmente durante as danças, as atividades de musculação, conversas e as orações no final das aulas. Pode-se dizer que esses identificam e diferenciam as mulheres que pertencem a denominações religiosas distintas. A exemplo disso, pode-se dizer que aquelas que utilizam jargões como: “Eu declaro”, “Eu profetizo”, “Há poder em suas palavras”, “O Espírito falou forte comigo” se declaram pentecostais. Enquanto as mulheres que se identifi-

cam como protestantes ou de outra denominação, não utilizam esses jargões. Entretanto, este grupo construiu sua identidade no meio desta diversidade de padrões. Assim, em relação aos jargões evangélicos, Gomes (2009, p.1801) destaca:

Os jargões são parte da identidade evangélica e não usá-los é praticamente impossível para os crentes. As conversas, os textos bíblicos e os cânticos estão impregnados com esses termos. Sem contar as palavras que ganharam certo status: “Gospel” por exemplo, é a palavra inglesa para evangelho, e durante muito tempo designou a música cristã negra americana. Mas, de uns tempos para cá, vem sendo utilizada em larga escala para caracterizar tudo o que diz respeito aos evangélicos, sobretudo à música. Outra expressão popularíssima, “Deus é fiel”, pode ser encontrada numa infinidade de produtos, como camisetas, canetas, adesivos para carro, agendas, gerando uma verdadeira indústria. (Gomes, 2009, p. 1801)

Ao responderem à questão que trata dos jargões observados durante as aulas, nota-se que 90,9% afirmam escutar a expressão “Oh Glória” e 81,8% a palavra “Amém”. Vale analisar que os dois próximos gráficos, apresentam uma discrepância no que diz respeito ao escutar e ao utilizar as expressões. Entretanto, em ambos, o jargão “Amém” se destaca como o mais utilizado e/ou escutado pela maioria dos sujeitos entrevistados. (Figuras 8 e 9).

Figura 8: Jargões escutados.

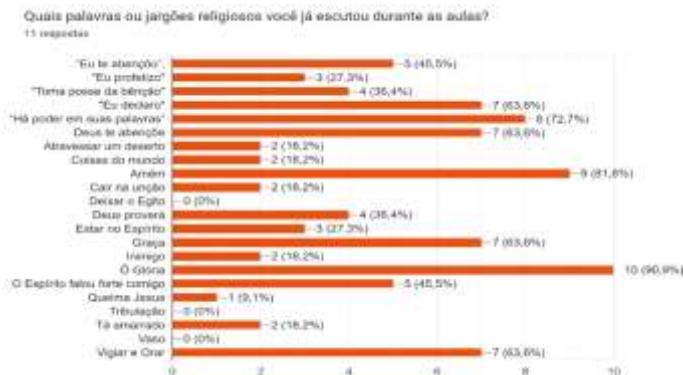
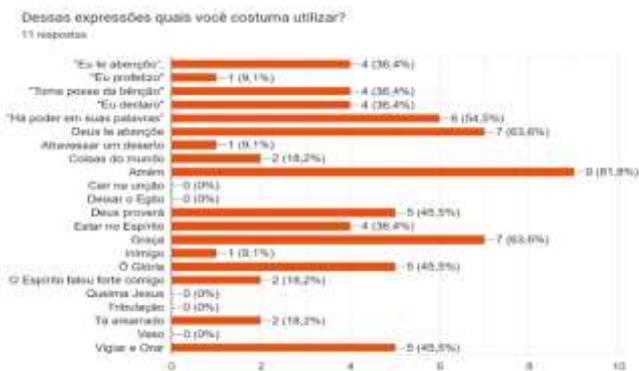


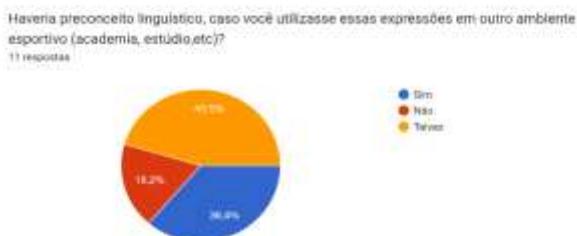
Figura 9: Jargões falados.



Em uma comunidade de prática onde se predomina a religião cristã não há preconceito linguístico devido aos jargões espirituais, o que pode não acontecer em outros ambientes. Em relação à próxima pergunta Gomes explica (Figura 10):

Os jargões evangélicos surgiram a partir do uso do texto sagrado da Bíblia, escrita em outra cultura. Num outro tempo e por outro povo. O uso frequente faz com que se utilizem tais expressões como identidade do grupo. São formas vernaculares que boa parte da população desconhece. É necessário o cuidado no uso recorrente deste tipo de vocábulo, pois no abuso no emprego de jargões cria uma barreira entre cristãos e não cristãos, inclusive com um vocabulário que identifica aqueles que dominam e os que não dominam o falar 'espiritual'. (Gomes, 2009, p. 1801)

Figura 10: Preconceito linguístico.



Assim como Eckert (2012, p.92-93) ao utilizar da sociolinguística Etnográfica em sua pesquisa sobre o comportamento linguístico de dois grupos de adolescentes, o Jocks e o Burnouts em uma escola nos Estados Unidos, (Eckert, 1989), observou que a variação indexicaliza particularidades como cores, estilos das roupas, vínculo com os valores e ambientes escolares e impactam o comportamento linguístico e a variação estilística dos sujeitos. Neste contexto, verificou-se que o grupo de alunas da professora Soraya também indexicaliza sua característica, construindo conscientemente o seu comportamento dentro da terceira onda em função dos seus objetivos e interesses sociais particulares e comunitários. Ao analisar os dados dessa pesquisa, pode-se visualizar a variação estilística que surge da ação intencional dos sujeitos em relação a sua identidade.

5. Considerações finais

A proposta desta pesquisa é perpassar pelo conceito de variação e diversidade linguística, assim como discorrer sobre a sociolinguística variacionista e suas pesquisas, trazendo considerações sobre as três ondas sociolinguísticas de Eckert, observando e analisando uma comunidade de prática construída através da indexicalização de características de um grupo de mulheres cristãs que frequentam um estúdio de Ballet Performance.

Neste cenário, a observação a longo prazo, a vivência da autora do artigo dentro desta comunidade, os vídeos e formulários respondidos, conseguiram coletar dados que demonstram a relevância dos estudos da segunda e terceira onda em pesquisas que mostram como as pessoas se identificam e se constroem dentro de uma comunidade e o significado social da variação, que surge de maneira dinâmica com práticas sociais e etapas pragmáticas em que a variação contribui com a formação de estilos de tipos sociais.

Conclui-se, portanto, que a análise realizada nesta comunidade de prática abrange reflexões tanto em níveis teóricos como na prática, a partir do uso de metodologias etnográficas. E, hoje, os estudos sobre variação linguística com foco nas ondas, configura um importante referencial teórico na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, C. C. B.; LOPES, N. S. Sobre o estilo na sociolinguística de terceira onda: perspectivas teórico-metodológicas. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana*, v. 22, n. Esp., p. 7-17, setembro de 2021.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso, por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

OLIVEIRA, Thiago Soares. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. *Revista de Letras*, v. 19, n. 25, p. 1-18, jan./jun. 2017.

GOMES, Nataniel dos Santos. Descrição do falar evangélico do Rio de Janeiro. *Cadernos do CNFL*, Vol. XIII, n. 04. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009.